

FRAGMENTO SOBRE JOYCE*

Jorge Luis Borges

Entre as obras que não escrevi nem escreverei (mas que me justificam de alguma maneira, ainda que misteriosa e rudimentar) há um relato de umas oito ou dez páginas cujo profuso borrador intitula-se *Funes el memorioso* e que em outras versões mais castigadas chama-se *Ireneo Funes*. O protagonista dessa ficção duas vezes quimérica é, por volta de 1884, um malandro normalmente infeliz de Fray Bentos ou Junín. A mãe é passadeira; do pai problemático diz-se que foi rastreador. O certo é que o rapaz tem sangue e silêncio de índio. Na infância, foi expulso da escola primária por ter copiado servilmente um par de capítulos, com suas ilustrações, mapas, vinhetas, letras de forma e até com uma errata... Morre antes de cumprir vinte anos. É incrivelmente preguiçoso, os olhos fixos na figueira dos fundos ou em uma teia de aranha. Em seu velório, os vizinhos recordam as pobres datas de sua história: uma visita aos currais, outra ao bordel, outra à estância de Fulano... Alguém facilita a explicação. O finado foi talvez o único homem lúcido da terra. Sua percepção e sua memória eram infalíveis. Nós, de uma olhada, percebemos três taças em uma mesa; Funes, todas as folhas e raízes que compreende uma videira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança com os veios de um livro em pasta espanhola que manejou uma vez na infância. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Morreu de uma congestão pulmonar e sua vida incommunicável foi a mais rica do universo.

Do malandro mágico de meu conto cabe afirmar que é um precursor dos super-homens, um Zaratustra suburbano e parcial; o indiscutível é que é um monstro. Recordei-o porque a sucessiva e reta leitura das quatrocentas mil palavras de *Ulysses* exigiria monstros análogos. (Nada aventurarei sobre os que exigiria *Finnegans Wake*: para mim não menos inconcebíveis que a quarta dimensão de C.H. Hinton ou que a trindade de Nicéia). Ninguém ignora que para os leitores desavisados, o vasto romance de Joyce é indeciframente caótico. Ninguém tampouco ignora que seu intérprete oficial, Stuart Gilbert, propalou que cada um dos dezoito capítulos corresponde a uma hora do dia, a um órgão do corpo, a uma arte, a um símbolo, a uma cor, a uma técnica literária e a uma das aventuras de Ulisses, filho de Laertes, da semente de Zeus. A mera notícia dessas imperceptíveis e laboriosas correspondências bastou para que o mundo venere a severa construção e a

* Publicado em *Sur*, 77, fevereiro 1941. Tradução de Antonio Carlos Santos.

disciplina clássica da obra. Desses *tics* voluntários, o mais louvado foi o mais insignificante; os contatos de James Joyce com Homero, ou (simplesmente) com o senador pelo departamento de Jura, M. Victor Bérard.

Muito mais admirável, sem dúvida, é a diversidade multitudinária de estilos. Como Shakespeare, como Quevedo, como Goethe, como nenhum outro escritor, Joyce é menos um literato do que uma literatura. E o é, incrivelmente, no compasso de um só volume. Sua escritura é intensa; a de Goethe nunca o foi; é delicada: Quevedo não suspeitou essa virtude. Eu (como o resto do universo) não li o *Ulisses*, mas leio e releio com felicidade algumas cenas: o diálogo sobre Shakespeare, a *Walpurgisnacht* no lupanar, as interrogações e respostas do catecismo: ... *They drank in jocoserious silence Epp's massproduct, the creature cocoa*. E em outra página: *A dark horse riderless, bolts like a phantom past the winningpost, his mane moonfoaming, his eyeballs stars*. E em outra: *Bridebed, childbed, bed of death, ghostcandle*.¹

A plenitude e a indigência conviveram em Joyce. A falta de capacidade de construir (que seus deuses não lhe outorgaram e que teve de suprir com árduas simetrias e labirintos) gozou de um dom verbal, de uma feliz onipotência da palavra, que não é exagerado ou impreciso comparar à de *Hamlet* ou à de *Urn Burial*... O *Ulysses* (ninguém ignora) é a história de um só dia, no perímetro de uma só cidade. Nessa voluntária limitação é lícito perceber algo mais que uma elegância aristotélica; é lícito inferir que para Joyce, todos os dias foram de algum modo secreto o dia irreparável do Juízo; todos os lugares, o Inferno ou o Purgatório.

¹ A versão francesa não é muito feliz: *Lit nuptial, lit de parturition, lit de mort aux spectrales bougies*. A culpa é da língua, naturalmente, incapaz de vozes compostas.